A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA VISTA ATRAVÉS DO ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO: A SEGUNDA DÉCADA

ALCIDA RITA RAMOS
Universidade de Brasília

Entramos em mais uma década do *Anuário Antropológico*. É tempo de fazermos uma nova retrospectiva, por mais breve que seja, do que foi feito na revista de 1988 a 1997, o que corresponde aos volumes 86-96. A ocasião marca não apenas os seus vinte anos, mas também uma nova mudança na sua administração. Júlio Cezar Melatti, que foi o editor dos volumes 89-96, dedicando-lhe cerca de seis anos (de 1991 a 1997) de primoroso e abnegado trabalho, passou a outras mãos a tarefa da editoria. Assumimos como Editores Roque de Barros Laraia, Henyo Trindade Barretto e eu com a ingrata incumbência de manter o nível de empenho e meticulosidade de nosso colega Melatti. Também o Conselho Editorial sofrerá alguns ajustes de atualização e ampliação a partir do próximo volume, de modo a incluir profissionais de outros países com quem o *Anuário* tem mantido contatos mais estreitos.

A comparação, sendo uma das ferramentas mais ubíquas na antropologia, não poderia faltar neste balanço do segundo decênio do *Anuário*. Pois é comparando com a avaliação anterior dos volumes 76 a 85 que podemos visualizar mais facilmente as feições da revista de lá para cá. A primeira avaliação foi publicada como editorial no *Anuário Antropológico/88*, 1991, pp. 9-17. Quando aquele editorial foi escrito, o volume 86 estava no prelo e o 87 em preparação; daí a razão de incluirmos esses volumes nesta avaliação de 1998. Vamos ver o que permaneceu e o que mudou: o perfil dos contribuintes, suas afiliações institucionais, o universo das questões antropológicas abordadas e as tendências da antropologia para os anos 90

refletidas nos artigos, ensaios, seminários e críticas que compõem os últimos onze volumes.

Vejamos como as categorias de ontem nos ajudam a entender o conteúdo de hoje. Em termos da afiliação institucional dos contribuintes, temos a seguinte situação:

Afiliação institucional no Brasil dos colaboradores do *Anuário* 1986-1996

Universidade de Brasília (UnB)	56
Museu Nacional (UFRJ-MN)	18
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	11
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	6
IUPERJ (Rio de Janeiro)	5
Universidade de São Paulo (USP)	5
Universidade Federal Fluminense	3
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	3
Universidade Federal de Pernambuco (UFPe)	3
Universidade Federal do Paraná (UFPn)	2
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	2
Museu Paraense Emilio Goeldi	2
Outras	8
TOTAL	124

Houve uma maior concentração de trabalhos por pesquisadores da UnB, principalmente na sessão de crítica, onde contribuíram com 60% das resenhas. O mais, a representatividade de instituições de ensino e pesquisa no Brasil tem sido mantida sem muitas alterações, com exceção do Museu Nacional que caiu de 22% para 15% em número de contribuições. Tudo indica que isto se deve à criação em 1994 da revista *Mana*, editada por membros do Departamento de Antropologia do Museu e para onde tem sido canalizada parte da produção de seus antropólogos.

Quanto às contribuições vindas do exterior, temos o seguinte quadro:

Origem nacional dos colaboradores do *Anuário*
1986-1996

Estados Unidos	5
México	4
França	3
Argentina	2
Portugal	2
Espanha	2
Chile	1
Venezuela	1
TOTAL	20

Enquanto apenas quatro países estavam representados na primeira década – com 22 trabalhos vindos dos Estados Unidos, México, Peru e Inglaterra – temos na segunda década uma quantidade menor de trabalhos, mas o dobro de nacionalidades. O *Anuário* já se firmou como revista de âmbito internacional, fazendo parte de inúmeras bibliotecas universitárias no exterior. Este fato é relevante porque traduz essa visibilidade do interesse por parte de colegas estrangeiros em nele contribuir.

Foram ao todo 144 contribuições incluindo 86 trabalhos na forma de ensaios, artigos, seminários, conferências, homenagens, além de 40 resenhas e 18 homenagens póstumas. Comparado à década anterior, que contou com mais de 200 contribuições, o segundo decênio sofreu uma queda na quantidade de trabalhos, o que se deve, em grande medida, às limitações de espaço que tivemos que nos impor, atendendo à solicitação da editora Tempo Brasileiro, como forma de reduzir os custos de impressão. De meados dos anos 80 em diante, os volumes diminuíram de tamanho, mas isto em nada afetou a qualidade de seu conteúdo. Cada volume contou em média com oito artigos, ensaios, conferências e trabalhos apresentados em seminários.

Os cinco volumes de 89 a 93 não incluíram a sessão de crítica. Nesse período, percebeu-se que essa parte do *Anuário* não estava cumprindo a expectativa que a motivou, qual seja, gerar debates em torno de temas que mobilizassem interesse intelectual. Com freqüência crescente, as resenhas limitavam-se a noticiar e resumir livros de publicação recente, tornando o esforço do editor para recrutá-las um penoso exercício com resultado aquém do esperado. Porém, depois de cinco anos sem crítica, a demanda por sua inclusão trouxe-a de volta no volume 94.

De modo a facilitar a comparação, mantenho, independentemente do seu mérito, as mesmas categorias com que classifiquei os trabalhos de 1976-1985, ou seja, uma primeira divisão em tópicos e problemáticas. Primeiro, os tópicos. O total de 96 trabalhos classificados como tópicos na primeira década cai para 86 na segunda:

Freqüência de tópicos no *Anuário*

	1976-85	**1986-96**
Meta-antropologia	12 (11%)	5 (6%)
Campesinato	12 (11%)	9 (10,5%)
Etnologia indígena	11 (10%)	7 (8%)
Estudos urbanos	8 (7,5%)	3 (4%)
Estudos sobre negros	3 (2%)	5 (6%)

Nota-se, portanto, que o interesse na antropologia da antropologia (a meta-antropologia) e nos estudos urbanos caiu em quase metade, no campesinato e etnologia indígena manteve-se quase igual, enquanto aumentou o interesse em estudos sobre negros. A respeito destes últimos, deve-se acrescentar que, dos cinco trabalhos publicados no período, dois são relativos à África.

Quanto às problemáticas, isto é, "assuntos que atravessam os tópicos e que lhes dão foco teórico, metodológico ou temático" (*Anuário Antropológico/88*: 12), temos o seguinte quadro comparativo:

Freqüência de problemáticas no *Anuário*

	1976-85	**1986-96**
Indigenismo/contato interétnico	9 (9%)	11 (13%)
Organização social/parentesco	9 (9%)	4 (5%)
Cosmologias	9 (9%)	3 (3,5%)
Etnicidade/identidade	8 (8%)	7 (8%)
Família	6 (6%)	0
Mudança socioeconômica	6 (6%)	3 (3,5%)
Sistemas de classificação	6 (6%)	0
Dinâmica regional	5 (5%)	3 (3,5%)
Epistemologia da antropologia	5 (5%)	10 (12%)
Nominação	3 (3%)	1 (1%)
Pensamento político	3 (3%)	0
Sistemas de conhecimento	3 (3%)	0
Etnohistória	2 (2%)	2 (2%)
Antropologia médica	1 (1%)	1 (1%)
Ritos sociais	1 (1%)	4 (5%)

Portanto, as problemáticas em alta foram: ritos sociais, epistemologia da antropologia com mais do dobro de trabalhos, e indigenismo/contato interétnico, além de etnicidade/identidade.

Outras problemáticas saíram de circulação nos dez últimos anos do *Anuário*: família, sistemas de classificação, pensamento político e sistemas de conhecimento. Naturalmente, esse tipo de codificação sempre corre o risco de distorções, pois o mesmo trabalho pode ter características de, por exemplo, ritual e sistema de conhecimento, ou de cosmologia e sistema de classificação. Porém, uma vez criadas essas categorias para organizar a primeira década, era necessário mantê-las, de modo a possibilitar a comparação de conteúdos da maneira mais aproximada possível.

Se alguns temas de pesquisa e reflexão antropológica deixaram de freqüentar os volumes do *Anuário*, outros passaram a povoar as suas páginas. Ao longo da

última década, temos visto artigos, ensaios, conferências ou seminários versando sobre uma vasta gama de tópicos/problemáticas, a saber:

Ensino da antropologia	3
Identidade/dinâmica regional	3
Etnohistória	2
Antropologia jurídica/legal	2
Cultura popular	2
Gênero	2
Estética	2
Antropologia da política	2
Nação	2
Violência	2

Temas como antropologia visual, autobriografia, comparação, desenvolvimento, encontro etnográfico, globalização, memória, migrações, pessoa, poder simbólico, raça, religião e saúde compareceram uma vez nos últimos dez anos de *Anuário*.

Desta rápida comparação entre as duas décadas de existência do *Anuário*, podemos arriscar uma conclusão: tópicos e problemáticas que giram em torno de campesinato, questão indígena, identidade, simbolismo e crítica da disciplina antropológica parecem constituir o eixo conservador da revista. São temas que emergem como dos mais refratários a modas e tendências de vida curta. São eles que parecem tecer o pano de fundo sobre o qual se projeta o perfil do *Anuário*. Revela-se como um periódico que não abdica de seu compromisso de veicular conhecimento em áreas consolidadas da disciplina onde esta tem tido um enorme rendimento tanto empírico como teórico. Vemos, entretanto, que ao redor desse "núcleo duro", o *Anuário* tem aberto um amplo espaço para temas e abordagens atuais, alguns dos quais na vanguarda da curiosidade antropológica, alcançando áreas de interesse e conhecimento cada vez mais vastas e que põem à prova a capacidade analítica da antropologia ao tratar de assuntos cada vez mais distantes de seus objetos tradicionais.